

DOSSIÊ TEMÁTICO: Ensinar e aprender: metodologias e estratégias

 <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i35.5674>

EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS NAS GRADUAÇÕES DE ARQUITETURA E URBANISMO: POR MOVIMENTOS DE INCORPORAÇÃO

DIDACTIC EXPERIENCES IN ARCHITECTURE AND URBANISM DEGREES: BY
MOVEMENTS OF INCORPORATION

EXPERIENCIAS DIDÁCTICAS EN LAS CARRERAS DE ARQUITECTURA Y
URBANISMO: POR MOVIMIENTOS DE INCORPORACIÓN

Mônica Cristina Henriques Leite Olender
Universidade Federal de Juiz de Fora – Brasil

Cristina D'Ávila
Universidade Federal da Bahia – Brasil

Resumo: Este trabalho consiste em apresentar três experiências didáticas, realizadas no âmbito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, em que foi priorizada a imersão dos estudantes em ambientes que não os das salas de aula propriamente ditas. Tais experiências, desenvolvidas no caminho da metodologia da pesquisa-ação, procuraram privilegiar o contato dos estudantes com situações que os fizeram refletir sobre os seres e coisas que conformam os ambientes em que estiveram e, de certa forma, estabelecer relações com eles, voltando atenção especial para as dinâmicas provocadas por esses seres e coisas e como nelas eles se imbricam mutuamente no cotidiano das cidades. As discussões surgidas com os estudantes durante essas experiências, o seu retorno em forma de narrativas e a observação da complexificação de seus discursos e ações junto às atividades acadêmicas que nos foi possível acompanhar incentivaram a proposição de uma tese de doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Tanto nessa tese quanto no presente artigo, se defende a adoção de mudanças no ensino das graduações de Arquitetura e Urbanismo brasileiras pautadas em referências paradigmáticas outras que não a cartesiana: “Pensamento Complexo”, “Filosofia da Diferença”, “Biologia do Conhecer”, “Educação da Atenção”, tudo isso voltado para a valorização da “Experiência” no mundo. A intenção é que a formação desses estudantes possibilite a construção de subjetividades próximas do que chamamos de “postura incorporada”, mais consonante, a nosso ver, com a complexidade desse mundo como um todo.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo. Formação. Incorporado.

Abstract: This work consists in presenting three didactic experiments carried out within the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Juiz de Fora, where students were immersed in environments other than those of classrooms. These experiments, developed along the path of the

action-research methodology, sought to privilege the students' contact with situations that made them reflect on the beings and things that conform the environments in which they were and, to a certain extent, establish relations with them, paying special attention to the dynamics provoked by these beings and things and how in them they intertwine each other in the daily life of cities. The discussions with the students during these experiences, their return in the form of narratives and the observation of the complexification of their speeches and actions along with the academic activities that we were able to accompany, encouraged the proposition of a doctoral thesis with the Post-degree in Architecture and Urban Planning from the Federal University of Bahia. Both in this thesis and in this article, we advocate the adoption of changes in the teaching of Brazilian Architecture and Urbanism graduations based on paradigmatic references other than Cartesian: "Complex Thought", "Philosophy of Difference", "Biology of Knowing" "Education of Attention", all aimed at valuing "Experience" in the world. The intention is that the formation of these students enables the construction of subjectivities close to what we call "embodied posture", more consonant, in our view, with the complexity of this world as a whole.

Keywords: Architecture and urbanism. Formation. Incorporated.

Resumen: Este trabajo consiste en presentar tres experiencias didácticas, realizadas en el ámbito de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Juiz de Fora, en el cual se priorizó la inmersión de estudiantes en ambientes que no fuesen propiamente las salas de clase. Tales experiencias, desarrolladas en el camino de la metodología de investigación-acción, buscaron privilegiar el contacto de los estudiantes en situaciones que los hicieran reflexionar sobre los seres y las cosas que conforman los ambientes en que estuvieron y, de cierta forma, establecer relaciones con ellos, colocando atención especial en las dinámicas provocadas por esos seres y cosas, y como en ellas esos seres se imbrican mutuamente en el cotidiano de las ciudades. Las discusiones surgidas con los estudiantes durante estas experiencias, su devolución en forma de narrativas y la observación de la complejidad de sus discursos y acciones junto a las actividades académicas que nos fue posible acompañar incentivaron la proposición de una tesis de doctorado junto al Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Bahía. Tanto en la tesis como en el presente artículo, se defiende la adopción de mudanzas en la enseñanza de las carreras de grado de Arquitectura y Urbanismo brasileñas pautadas en referencias paradigmáticas diferentes a las cartesianas: "Pensamiento Complejo", "Filosofía de la Diferencia", "Biología del Conocer", "Educación de la Atención", todo eso dirigido hacia la valorización de la "Experiencia" en el mundo. La intención es que la formación de estos estudiantes posibilite la construcción de subjetividades próximas de lo que llamamos "postura incorporada", más en consonancia, a nuestro ver, con la complejidad del mundo como un todo.

Palabras clave: Arquitectura y Urbanismo. Formación. Incorporado.

1. Introdução

“[...] quem anda no trilho é trem de ferro. Sou
água que corre entre as pedras: - liberdade
caça jeito”.
Manoel de Barros

A questão que permeia essas reflexões se refere à construção de conhecimento, mais especificamente aquele relacionado ao período da graduação de Arquitetura e Urbanismo,

período que contribui definitivamente para a formação das subjetividades dos futuros Arquitetos e Urbanistas.

A preocupação primordial com essas subjetividades é aquela que, na verdade, já está presente, de forma global, nos discursos de vários pensadores do nosso mundo contemporâneo: como lidar com “outros”¹; como lidar com “outros” no mundo diante da possibilidade de se relacionar corpo a corpo com eles e não somente por intermédio de aparatos tecnológicos, procurando entender-lhes em suas realidades assim como entender a si próprios, como cidadãos e profissionais, no mundo; como lidar com outros que não são humanos.

Que dispositivos político-didático-pedagógicos podem ser criados para, mesmo que ainda no cerne do ensino tradicional corroborado pelas máquinas de estado e ditados e controlados pelo poder hegemônico capitalista, possam se mostrar eficientes para a (re)construção de certas habilidades que permitam a esses profissionais, de forma incorporada, atuarem respeitando humanos e não humanos e as coisas dos ambientes, mas também as suas dinâmicas cotidianas?

Essa incorporação está relacionada à colocação do corpo em “risco” (percepção, afetos e ação variantes de acordo com as imprevisibilidades do meio), risco do movimento, do contato, do contágio, da implicação, do imbricamento, da imersão, da empatia, da alteridade, da ecologia. Afetação de corpo e de mente num nível que é o da micropolítica, suficiente para aumentar as possibilidades de experiências que incentivem a eclosão de ações de cunho mais humano e ecológico, que podem se configurar, até, como resistência (no âmbito, por exemplo, da gestão do espaço e da elaboração dos projetos de Arquitetura e Urbanismo) aos saberes e poderes hegemônicos e homogêneos que massificam, oprimem, excluem, extinguem, destroem subjetividades, o meio ambiente e as relações nele estabelecidas.

Acredita-se que, para que essas ações se tornem mais profusas e comecem a atingir as sociedades em seus territórios numa escala mais democrática, não é estritamente necessário o rompimento propriamente dito de paradigmas, mas sim o envolvimento mais consistente e o fortalecimento de subjetividades – individual e coletivamente – que possam, em sua heterogeneidade, subverter certas ordens para promover a diferença na repetição – “Repetir repetir - até ficar diferente” (BARROS, s./d.). E, acredita-se também que alguns dos mais potentes sujeitos e coletivos sejam aqueles advindos de nossas universidades que,

¹ Não somente para a palavra “outros”, mas para todas as demais, a grafia sem flexões dos masculinos será aqui mantida, mas que sejam entendidas como referência a ambos os gêneros, sem hierarquizações ou qualquer tipo de discriminação que possa ser pensada em relação ao feminino.

entendemos, devem continuar a ser pensadas como centros de estudos e construção crítica de pensamentos e de práticas socialmente responsáveis.

Nesse sentido, consideramos como fundamental a construção de conhecimento pautada na relação indissociável entre teoria e prática advinda da construção de experiências embasadas, por sua vez, no estabelecimento de relações a partir do se movimentar *através* e *no* mundo, em espaços-tempos outros que não somente as salas de aula.

O tópico que se segue, intitulado “**Incorporando – Apresentação**”, explicita a problemática que envolve os temas aqui tratados cujo desenvolvimento teórico será realizado no tópico precedente, denominado “**Dobrando – Marco Teórico**”. Neste, de maneira bem simplificada, discorre-se sobre a tessitura que se está procurando fazer para, a partir da proposta de se repensar o ensino da Arquitetura e Urbanismo tendo como base experiências pautadas em movimentos no espaço-tempo cotidiano e no estabelecimento de relações para além daquelas limitadas que as salas de aula permitem, ser possível criar alternativas outras que auxiliem aos estudantes construírem suas habilidades voltadas para uma postura mais “incorporada” no mundo.

O quarto tópico, “**Experenciando experiências – Metodologia**”, explicita a pesquisa-ação como processo metodológico das três experiências didáticas realizadas fora das salas de aulas e que, ali, estão narradas. Também traz breves considerações do que poderia ser considerado como resultados.

Por fim, nas “**Considerações finais**”, algumas questões que acompanham as reflexões são explicitadas para, propositalmente, servirem como “pontas soltas”, potencializando as possibilidades de desenvolvimento do pensamento sobre a problemática aqui apresentada também pelos leitores.

2. Incorporando – Apresentação

Os assuntos aqui desenvolvidos, frutos de estudos para a construção de tese de doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, emergem de um contexto alavancado pelas experiências de uma das autoras como Arquiteta e Urbanista e como professora universitária de graduação em Arquitetura e Urbanismo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora – FAU-UFJF).

Essas experiências, conceitualmente aqui entendidas como “[...] aquilo que nos acontece e que é capaz de nos perturbar” (BONDÍA, 2017, p. 18) e surgidas como ruídos ou

perturbações, alavancaram um estado de autocriação, ou *autopoiese*², em muito instigado por questionamentos sobre as consequências de uma postura “desencarnada” (entendidas como separadas) que vem sendo assumida por muitos Arquitetos e Urbanistas não somente brasileiros.

Tal postura, moldada em meio aos processos de subjetivação desses profissionais ganha força, desconfia-se, durante a sua própria formação em faculdades e/ou escolas de Arquitetura e Urbanismo que têm replicado discursos e práticas que homogêizam condições naturalmente heterogêneas envolvendo sujeitos, os meios e as relações estabelecidas entre eles.

Nos ambientes universitários, é comum observarmos e ouvirmos que questões tipicamente contemporâneas relacionadas a direitos humanos, direito à cidade – como as discussões que envolvem gênero, raça, deficiências, mobilidade, saneamento, moradia, identidade, valores etc – e meio ambiente parecem ser tratadas, quando o são, geralmente apenas sob um ponto de vista axiomático, fragmentado, hierarquizado e distante do cotidiano de onde realmente são construídos.

Pensar a aproximação, e implicação, portanto, com os sujeitos (outros) e com os meios tem-se como essencial para Arquitetos e Urbanistas, pois, mais que conformarem nossas cidades, esses sujeitos e meios são, ou deveriam ser, as próprias ferramentas ou os produtores de ferramentas a fomentarem os trabalhos daqueles profissionais, alimentando uma circularidade recursiva, ou seja, autoprodutiva e auto-organizacional (MORIN, 2007, p. 74), que se entende ser importante para atuações cotidianas (cosmo)política e ecologicamente pautadas na alteridade, no respeito, na democracia e na ética.

Esse cotidiano até pode ser conhecido somente nas salas de aula, mas desconfiamos, a partir de observações dos comportamentos “desencarnados” de alunos em algumas experiências que com eles foram realizadas (na disciplina Técnicas Retrospectivas e em uma viagem sem vínculo disciplinar específico) que, “fechados” nesses ambientes, se torne mais difícil o seu significativo acoplamento (MATURANA; VARELA, 1995, p. 113) com os lugares onde trabalham/ trabalharão, bem como sua conexão com as coisas, com os corpos humanos e não humanos e com os processos relacionais que conformam tudo isso.

² Termo criado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, na década de 1970, para destacar o aspecto da autocriação permanente a que os seres vivos estão sujeitos em sua relação com o meio. Deleuze e Guattari se apropriam do termo para trabalhar, no plano de imanência filosófico, com um seu conceito (KASTRUP, 1995, s.p.). Daremos ênfase, neste trabalho, ao conceito em sua dimensão filosófica.

As reflexões que pautam, pontuam, atravessam o presente texto estão ligadas às possibilidades para a construção de um comportamento outro para Arquitetos e Urbanistas focado no período correspondente à sua graduação, onde tal formação lhes permita uma mais fortalecida relação com o mundo e com todos os processos que o conformam. O sentido de tudo está em proporcionar situações de formação para que esses profissionais estejam abertos a buscarem sentido em tudo e que possam ser capazes de traduzir esses sentidos (que são/estão nos outros e no meio ambiente principalmente), em projetos que respeitem todas as existências em seus existires, o cotidiano em sua heterogeneidade, fugindo de modelos homogeneizantes e castradores.

É sobre subjetividades³, sobre a construção de subjetividades nas graduações de Arquitetura e Urbanismo, então, que estamos falando. É sobre incorporação. É sobre Arquitetos e Urbanistas assumindo essa postura “incorporada” ou, pelo menos, podendo escolher assumi-la como possibilidade outra ao mero cumprimento de solicitações e à falta de crítica e proposições mais compatíveis com os “[...] conflitos e problemas que as realidades nos colocam” (MARQUES, 2010, p. 58).

Apesar de, assumidamente, o texto se desenvolver sob as perspectivas paradigmáticas do “Pensamento Complexo” de Edgar Morin, da “Filosofia da Diferença” de Gilles Deleuze e Felix Guattari, da “Biologia do Conhecer” de Humberto Maturana e Francisco Varela, da “Educação da Atenção” de Tim Ingold e da “Experiência” de Jorge Larrosa Bondía, a intenção primeira das reflexões aqui desenvolvidas é exaltar a potência das ações que podem se efetuar imediatamente, ações com caráter micropolítico, mas ainda assim no âmbito da macropolítica dominante de nossas sociedades capitalistas, que são geridas há séculos pelo Paradigma Cartesiano herdado da modernidade.

Isso porque se acredita que esperar por superações de paradigmas para pensar em possíveis mudanças é, na verdade, colaborar com a manutenção de várias das causas que, em nível mundial, são apontadas por Arquitetos e Urbanistas, Sociólogos, Cientistas Sociais e vários outros profissionais de vários campos do conhecimento como responsáveis pelo decréscimo da qualidade de vida do planeta e de seus habitantes, bem como pela paulatina degradação e rompimento dos fios de relações entre seres e seres e seres e meio ambiente, processos conhecidamente capitaneados pelos humanos.

³ “[...] a subjetividade, embora vivida individualmente, é produzida no registro social a partir de componentes heterogêneos”, onde se incluem não apenas “a história pessoal do indivíduo, mas processos sociais e materiais que dizem respeito à sua relação com os outros, com a mídia, a cidade, o corpo, a linguagem etc” (GUATTARI apud CAIAFA, 2007, p. 119).

3. Dobrando – Marco teórico

Afirmar que é desejável uma postura “incorporada” para nossos Arquitetos e Urbanistas é afirmar que se espera mudanças no comportamento desses profissionais, mudanças que se reflitam no cotidiano de sua atuação. É esperar que estes vivam experiências e façam Arquitetura e Urbanismo a partir delas, das relações, das implicações estabelecidas com “outros” e com os meios, visando interferir o mínimo possível nos sentidos que já são atribuídos aos espaços por tudo e todos aqueles que os compõem e proporcionar situações para que os novos sentidos atribuídos por eles respeitem todas as suas “vozes”.

Como dito anteriormente, temos algumas pistas deixadas por Monique Sanches Marques (2010) e por Paola Bereinstein Jacques (2012) sobre que mudanças seriam essas. Mas, a nosso ver, não é possível discutirmos outras posturas para Arquitetos e Urbanistas se essas não forem pensadas no âmbito de uma construção cotidiana de conhecimento que os apresente situações de cidade e de subjetividades e de meio ambiente que os preparem para criar novas perguntas, para conhecer realidades e dimensões diversas das suas, para pensarem nas consequências, sociais e ecológicas, de suas ações reverberando e alterando corpos e espaços.

Se entende que ser/estar “incorporado” é estar aberto para o imprevisível, para o movimento, para a percepção, para o afeto e para o respeito a realidades e valores. É permitir: que o próprio corpo retenha marcas das relações que estabelecer e que, por sua vez, também seja capaz de deixar marcas por onde for (corpografia); que consiga escapar das verdades absolutas e esteja aberto para a escuta e para conversações, respeitando os desejos e as necessidades dos meios e de “outros” (estas expressas por eles próprios, esses “outros”, acima de tudo, quebrando a hegemonia de poderes dominantes); como tradutor⁴ que é tanto quanto criador, que desenvolva e pratique habilidades que lhes permita se movimentar – como parte de seu processo cognitivo, de construção de saberes e fazeres – e de narrar suas experiências – como parte do seu processo criativo.

E para que tudo isso possa se configurar como possível em qualquer escala, se atribui, como principal condição, a atenção a um ensino de Arquitetura e Urbanismo que prepare esses futuros profissionais para estarem no mundo, para saberem estar no mundo, imersos

⁴ Se entende o resultado da atuação de Arquitetos e Urbanistas, principalmente quando se refere a projetos de Arquitetura e Urbanismo, como criações com autoria definida, mas para além disso, como resultantes de processos de tradução de desejos e necessidades de uma pluralidade de subjetividades que se constituiria como “original. Portanto, para nós, a atuação de Arquitetos e Urbanistas possui certos limites e é essa faceta de “tradutor” que os delinearía.

nele, abertos para entender sua complexidade, que é a de tudo estar ligado a tudo e reverberar em tudo. Sair *pelo* mundo não é a mesma coisa que estar *nele*, pois ele não é inerte (INGOLD, 2015, p. 121): isso requer prática, dedicação, repetição – não decalque, conforme definem Deleuze e Guattari (1995, p. 20) – e movimentos físicos e mentais (inclusive, e principalmente, de desterritorializações, (re)territorializações, autopoieses).

O antropólogo Tim Ingold (2015, p. 234) liga o conhecer ao ato de praticar (e não o de aplicar os conhecimentos na prática). Isto se dá, segundo ele,

[...] através do envolvimento contínuo, na percepção e na ação, com os constituintes do [...] ambiente. Portanto, longe de ser copiado, pronto, para a mente antes do seu encontro com o mundo, o conhecimento está perpetuamente em construção dentro do campo das relações estabelecidas através da imersão do ator-observador em determinado contexto ambiental. O conhecimento, desta perspectiva, não é transmitido como uma estrutura complexa, mas é o produto sempre emergente de um processo complexo. [...].

Portanto, da perspectiva do que ele chama de processo complexo, onde se conhece por meio da prática, “todo movimento é conhecimento” (idem, p. 235). Não há métodos pré-definidos a partir dos quais esses exercícios de corpo e mente devam se guiar.

As narrativas que serão apresentadas a seguir, tanto as feitas pela prof^a. Mônica quanto as elaboradas pelos estudantes numa costura de interferências, são a tentativa de trazer para a multiplicidade da escritura as multiplicidades de agenciamentos de campo; são, elas próprias, movimentos, como diria de Certeau (1994, p. 156). Movimentos de conhecimento porque realizados em imersão, em acoplamento com os corpos humanos e não humanos e com as coisas de um mundo de movimentos e devires, complexo porque tudo nele se entrelaça, é tecido junto (MORIN, 2007, p. 13).

Voltando a Ingold (2015, p. 236), ele destaca ser esse um mundo “narrativo”,

[...] no qual qualquer coisa – capturada em lugar e momento determinados – envolve dentro da sua constituição a história das relações que a trouxeram até aí. Em um mundo assim, podemos compreender a natureza das coisas apenas assistindo as suas relações, ou em outras palavras, contando suas histórias.

Pois as coisas deste mundo são as suas histórias, identificadas não por atributos fixos, mas pelas suas trajetórias de movimento em um campo de relações em desdobramento. [...] No mundo narrativo, portanto, [...], as coisas não existem, elas ocorrem. Onde as coisas se encontram, as ocorrências se entrelaçam na medida em que cada uma se torna ligada à história da outra. Cada uma dessas ligações é um lugar ou tópico. É nesta ligação que o conhecimento é gerado. Conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer a sua história, e ser capaz de juntar essa história à sua.

Porém, para o autor, o conhecimento se dá não somente quando se estabelece uma relação direta com outros corpos humanos e não humanos e as coisas, mas também quando se escuta suas histórias, pois estas são a maneira de se relacionar, “[...] as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vívido dos ouvintes como se estivessem acontecendo aqui e agora” (idem).

Esse é o sentido das experiências aqui narradas: movimentos de conhecimento ocorridos no passado se entrelaçando com histórias no presente que, potencialmente, poderão inspirar conhecimentos outros que, espera-se, sejam pensados na perspectiva de um paradigma diverso daquele hegemônico moderno ao qual estamos vinculados. Dizemos inspiração porque “ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Inspiração para outros professores, para que estimulem seus estudantes a se lançarem no mundo; a conseguirem se relacionar com outros corpos e com os meios; a pensar política, ecológica e democraticamente o espaço-tempo, respeitando os direitos de tudo e de todos; a construir seus próprios métodos de apropriação do espaço-tempo e de percepção da apropriação que “outros” praticam.

Apesar de acreditarmos nas potencialidades que a participação de quaisquer estudantes nas discussões que envolvem a construção de sua formação seja de extrema relevância e importância, também pensamos que para, além disso, concentra-se em professores a responsabilidade de não somente se dedicarem a pensar currículos e estes como acontecimentos, mas, principalmente, desempenharem um papel entre esses currículos (ou seja, a construção do conhecimento que deles poderão advir) e os estudantes. Joseph Jacotot destaca como o “segredo” dos bons mestres: “[...] com suas perguntas, eles guiam discretamente a inteligência do aluno – tão discretamente, que a fazem trabalhar, mas não o suficiente para abandoná-la a si mesma” (RANCIÈRE, 2013, p. 51).

Partindo do princípio já anteriormente referido de que “viver é conhecer e conhecer é viver” (MATURANA apud PELLANDA 2009, p. 37), então esse papel dos professores – seja como mediadores, catalizadores, dinamizadores, perturbadores ou seja lá qual for a característica mais marcante que para eles possamos pensar – merece destaque no âmbito do ensino-aprendizagem porque eles são e devem continuar sendo “mestres de ofício”, responsáveis por potencializar relações, ignorantes tanto quanto seus estudantes num contexto em que todos são inteligentes e capazes (RANCIÈRE, 2013).

Mas, a nosso ver, professores não são potenciais ativadores somente de estudantes, mas também de seus colegas de profissão para processos transdisciplinares e transversais que favoreçam, de forma criativa, a construção do conhecimento com ênfase na experimentação do mundo em sua complexidade (atenção que por “experimentação do mundo” não estamos nos referindo a “aulas de campo” ou “visitas técnicas” robotizadas que acentuam o mundo como separado em sujeitos e objetos, natureza e cultura etc. Esses, que poderíamos chamar de experimentos⁵, não se configurando como “experiências” no sentido que aqui nos apropriamos, tão somente serão capazes de produzir informações e ativar memórias, mas pouco, ou nada, contribuirão para a construção de saberes).

4. Experienciando experiências - Metodologia

A seguir, são apontadas três experiências realizadas com alunos da FAU-UFJF – no âmbito da disciplina Técnicas Retrospectivas⁶ ou como atividade complementar – consideradas como parte dos atravessamentos que, de fato, foram os disparadores para a proposição de uma tese de doutorado que vincula as discussões sobre o ensino nas graduações em Arquitetura e Urbanismo brasileiras a pensamentos diversos dos cartesianos. Tais pensamentos são aqueles referentes à construção de conhecimentos para além das salas de aula, pautada em movimentos, conversações e compartilhamentos entre estudantes, professores, demais sujeitos, corpos não humanos e as coisas que compõem o mundo.

Metodologicamente, a condução dessas experiências, enquanto cofuncionamento de teoria e prática pautado em agenciamentos de implicações mútuas (GUATELLI, 2012, p. 19-20), foi construída segundo premissas da pesquisa-ação, enfocando a participação ativa de todos os envolvidos como formas de autoconhecimento e de conhecimento e reflexão crítica das realidades daquilo que envolve os ambientes, bem como parâmetro para a sua condução a medida que iam acontecendo.

Acreditamos que esta e outras experiências poderão, no âmbito educacional, se tornar inspirações – ou cantos, como adjetiva Jorge Larrosa Bondía – para que, principalmente

⁵ Segundo Bondía (2017, p. 34): “[...] Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferenças, heterogeneidade e pluralidade. [...] Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível [...]. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida.

⁶ A “Técnicas Retrospectivas” é uma disciplina que compõem o Núcleo de Conhecimentos Profissionais dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo brasileiros (BRASIL, 2010). Na FAU/UFJF, ela é ministrada no sexto período de um curso que é composto por dez períodos letivos. A atividade aqui referida foi praticada uma vez para cada turma de sexto período (duas vezes em um ano)

professores de Arquitetura e Urbanismo, possam criar/construir, a partir de suas próprias experiências, saberes e poderes que contribuam, por sua vez, para a construção de subjetividades por Arquitetos e Urbanistas habilmente “incorporados”, subjetividades “não industriais” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 33), diversas daquelas produzidas em série pelo mundo capitalístico.

Em relação às duas primeiras experiências, ocorridas no âmbito da disciplina Técnicas Retrospectivas, como dito, foi notada, após a sua realização, uma complexificação significativa nos discursos e ações dos estudantes emergidas não somente durante as aulas, mas também nas atividades de avaliação para eles propostas. Não foi possível, e também não se tinha essa intenção na época, o acompanhamento dos processos de reflexão e produção desses alunos em outras disciplinas do curso, mas o retorno oral deles a respeito de seus interesses já dava sinais de que aqueles momentos de imersão no cotidiano lhes teriam provocado “tremores” (BONDÍA, 2017, p. 10).

A seguir, estão apresentadas as mencionadas experiências.

4.1. Quando o mundo se esvazia de gente

Entre 2013 e 2016, foi proposta uma atividade para cerca de sete turmas de alunos da disciplina Técnicas Retrospectivas, em que a grande maioria dos estudantes que dela participou estava no sexto período do Curso de Arquitetura e Urbanismo, ou seja, já tinha cursado metade de sua graduação, totalizando, com base na matriz curricular vigente na época, as cinco disciplinas de história (História das Artes e da Arquitetura e Urbanismo), dois terços das de teoria (Teoria da Arquitetura e Urbanismo) e metade das de projeto (Projeto de Arquitetura e Urbanismo).

A aula foi marcada no platô do Instituto de Ciências Humanas – ICH – da UFJF, de onde se tem uma visão bastante interessante de parte da região central da cidade de Juiz de Fora/MG. Os assuntos a serem desenvolvidos tinham ênfase em “Paisagem” e “Paisagem Cultural”.

Antes do início de qualquer conversa, era solicitado aos estudantes que escrevessem, no mínimo em cinco linhas, o que conseguiam perceber a partir daquele local onde estavam. O objetivo desta primeira etapa era aproveitar, com base nos conhecimentos construídos por eles até aquele momento, sua sensibilidade para narrarem o território delimitado pela própria topografia.

Para a grande maioria dos estudantes de todas as turmas que ali tiveram aula no âmbito dessa disciplina, o que pareceu mais lhes chamar a atenção era a presença, como se diz em Minas Gerais, dos “mares de morros” e dos “mares de concreto” (termo inspirado no anterior para se referir a estruturas edificadas); para alguns, o céu, os passarinhos, as borboletas ou os pequenos insetos pousados na vegetação próxima apareciam em seus textos; para outros, os sons do entorno, o vento que bagunçava os cabelos, o sol que castigava os olhos e a pele, a garoa que molhava as páginas dos cadernos foram dignos de referências; porém, poucos deles conseguiram se desvencilhar de visões aéreas, macro, para pensarem nas pessoas que seguiam com suas vidas em meio àqueles “mares de morros” e “mares de concreto”. Pessoas que lá estavam mesmo que impossível de serem vistas desta distância em que acontecia a aula.

Essas existências, vidas dos que podem ser referidos como “outros”, praticamente foram anuladas por boa parte daqueles estudantes de sexto período, presos à escala 1:500, presos num plano demiúrgico platônico do “Deus arquiteto do universo” (MARQUES, 2010, p. 27). Mas entende-se que essa pouca relevância dada às pessoas, aos outros, tem relação direta com a escassez de oportunidades que permitam a esses estudantes estarem em contato com as pessoas em seu cotidiano, ou seja, em espaços que não somente os das salas de aula.

Conviver com outros meios que não somente aqueles conformados pelas quatro paredes dessas salas e dos escritórios é oportunidade para, de uma forma plena (corpo e pensamento), ampliar as possibilidades de implicações envolvendo todos e tudo aquilo que se encontra onde mais interessa aos Arquitetos e Urbanistas: os lugares com toda as suas dinâmicas, sua complexidade.

Portanto, o ponto a se ressaltar carência é, na verdade, aquele que se refere a experiências, ou seja, àquilo que nos acontece e que é capaz de nos perturbar (BONDÍA, 2002, p. 21; MATURANA, 2001, p. 54). Coisas acontecem o tempo todo, mas poucas nos afetam, em geral porque nós mesmos não permitimos que afetem, muitas vezes por não sabermos como fazê-lo. Aqueles estudantes, se desconfia, não estavam realmente inseridos no mundo, vivendo seus fluxos, estabelecendo relações, se implicando e sendo implicados. Não sabiam se movimentar; não caminhavam, não paravam, não olhavam nos olhos dos outros nem nos ambientes frequentados por esses outros, não os traziam na memória. Se o faziam, ainda era muito pouco. Estavam deles afastados e suas narrativas denunciaram esse seu estado: se “alguém que conhece bem é capaz de contar” (INGOLD, 2012, p. 238) e eles não

estavam contando (narrando), havia uma probabilidade de que essa situação estivesse relacionada a deficiências na construção desse conhecimento em sua relação com o mundo.

Com a sua célebre frase “viver é conhecer e conhecer é viver” (PELLANDA, 2009, p. 37), o neurobiólogo chileno Humberto Maturana deixa clara sua crença de que a vida se faz nas relações, crença compartilhada por Tim Ingold quando ressalta a vida como a constituição de malhas resultantes do cruzamento (que geram nós, ligames) das linhas de fluxos de tudo o que conforma o mundo. Malhas com poucos nós refletem poucas trocas, poucos cruzamentos, poucos compartilhamentos e colaborações, enfim, pouca aproximação com o cotidiano, entendendo esse último como o próprio caos constituído pelas experiências vividas por nós, pelos outros e por todos juntos em suas relações também com o ambiente.

E em se falando em malhas, fica aqui a pergunta: o que poderiam mostrar cartografias das malhas dos estudantes das graduações de Arquitetura e Urbanismo brasileiras? Malhas ralas? Malhas densas? E as dos professores dessas mesmas graduações?

4.2. O espetáculo da cidade

A próxima experiência se refere a aulas propostas, em três períodos diferentes, para turmas da mesma disciplina “Técnicas Retrospectivas”, num local icônico do centro de Juiz de Fora-MG, que é a Praça João Pessoa, conhecida como Largo do Theatro Central. Como uma espécie de “braço” contíguo ao calçadão criado numa das principais ruas da cidade – a Halfeld – esse espaço se torna refúgio para aqueles que querem escapar do “mundo de gente” que freneticamente sobe, desce, cruza a Halfeld diariamente e o dia inteiro, ou também serve de “atalho” para a rua São João (paralela à Halfeld) ou, ainda, acesso para os estabelecimentos comerciais localizados ao longo das vias que ladeiam o Theatro Central, edifício tombado como patrimônio histórico-cultural nas instâncias municipal e federal.

A maioria o adjetivou como “local de passagem”, mas esta convicção foi um tanto abalada quando alguns estudantes mencionaram:

- a. os vários grupos de pessoas que ficam ali, de pé, paradas em vários pontos, conversando;
- b. os clientes interessados nos sapatos das vitrines de uma loja que ocupa o térreo de um edifício ali existente;
- c. outras pessoas – também conversando, lendo ou simplesmente pensando ou prestando atenção em algo – sentadas nos degraus de acesso ao *foyer* do Theatro e nos peitoris baixos dos vãos de um outro edifício ali existente;

d. e os engraxates, trabalhando em suas bancadas de madeira quase encostadas na fachada do edifício de peitoris baixos (mencionado no item “c” acima), conversando efusivamente com os clientes.

Foi perguntado aos estudantes, então, o que pensavam sobre esse espaço realmente se transformar em local de permanência. Sem muita demora e argumentações, todos balançaram suas cabeças ou externaram com palavras a sua concordância com a condição da “permanência”. Outra pergunta: “e como vocês fariam isso”? Quase em uníssono, o “coral” respondeu: “colocando bancos”. Mediando a conversa, então a professora disse: “muito bem. Onde colocarão esses bancos?”. Suas cabecinhas começaram a se mover para os lados e para frente (mas nenhum deles se levantou de onde estava sentado para devidamente se voltar para trás) e, após essa apropriação de um pouco mais de 180°. do espaço, alguns externaram sua preferência pela colocação dos bancos ali mesmo no centro do largo, exatamente onde todo o grupo estava.

A nova pergunta era se frequentavam aquela área aos sábados. Vários disseram que sim. Então foi a eles solicitada uma breve descrição das atividades que ali já tinham presenciado em algum momento. Dentre as respostas, se ouviu “rodas de capoeira”, “corais”, “bandas”, “realização de campanhas de prevenção a doenças” e “instalação de bibliotecas itinerantes”. A professora lhes propôs o exercício de direcionarem sua percepção para os outros frequentadores daquele espaço e analisarem a relevância que para eles poderia existir na continuidade daquelas atividades/manifestações que se revezam rotineiramente nesse lugar.

Como que fechando a “janela” de uma conversa no *WhatsApp* e abrindo outra, com um assunto completamente diverso daquele que estávamos desenvolvendo anteriormente sobre a adaptação do local para propiciar permanência, a maioria dos estudantes, paradoxalmente, disse que as atividades deveriam continuar acontecendo ali, pois várias delas eram tradicionais e estavam carregadas de significados para os juizforanos.

Uns dois ou três estudantes que “continuaram na janela” do assunto “permanência” se manifestaram: “mas então não podemos inserir bancos!”. Essa foi uma observação que animou a professora, mas animação que durou pouco. Logo em seguida veio a sugestão de que os bancos fossem colocados junto às fachadas dos edifícios laterais, em posição paralela a elas, para que a região central fosse mantida sem obstáculos. Em resposta a essa possibilidade de solução, um aluno ressaltou que, em frente às vitrines da loja de calçados não seria possível inserir os tais bancos, pois iria atrapalhar a visualização das mercadorias.

A reação de grande parte dos colegas, então, foi a de sugerir a colocação dos bancos num lugar que, sem muitas outras alternativas, se tornou óbvio para eles: junto à fachada do edifício de peitoris baixos. Com seus olhos fechados, lhes foi pedido que dissessem, de memória, o que se lembravam existir junto a essa fachada. Demoraram um pouco, mas dois se manifestaram, um após o outro: “sempre vejo gente sentada nos peitoris conversando” e “meu pai engraxa seus sapatos ali de vez em quando”. Novamente, alguns, se exaltando no volume de suas falas, exclamaram algo do tipo: “é mesmo! Os engraxates!”. Por conta própria abriram os olhos e começaram um burburinho que foi interrompido por um deles: “eu acho que não temos que mexer nesse espaço. Ele tem que continuar assim porque é assim que as pessoas usam ele (*sic*)”.

Dois aspectos podem ser destacados nessa experiência. Em primeiro lugar, o fato de que, novamente, os estudantes, mesmo aqueles que nasceram e cresceram em Juiz de Fora, demonstraram uma débil ligação com esse espaço – exibindo desconhecimento de sua história, pouca relação com todos os corpos humanos e não humanos e coisas que o conformam e escasso interesse em explorá-lo (tendo em vista que permaneceram sentados o tempo todo e se limitaram usar os pouco mais de 180°. que suas cabeças lhes permitiam se mover); em segundo, a facilidade com que, quase que demiurgicamente, decidiram que deveriam efetivamente intervir e, tomada a decisão, abriram suas “caixas de ferramentas” montadas durante a graduação e pinçaram de lá os bancos como solução para, pretensamente, promoverem “melhorias” para aquele espaço que deveria se “tornar” de “permanência”.

Essa facilidade de escolha do que fazer pode ser comparada com aquela observada quando os estudantes abrem seus arquivos de blocos (desenhos feitos previamente, como mobiliário, vegetações, figuras humanas e de animais, veículos etc., utilizados para “humanizar” os projetos de forma mais rápida) nos programas de desenho e, normalmente por opções estéticas e ergonômicas, privados de sentimentos e envolvimento, escolhem essa ou aquela cadeira, esse ou aquele sofá, essa ou aquela vegetação. O conhecimento dos ambientes e das relações neles existentes, que lhes propiciariam condições para pensarem não “no que fazer?”, mas no “como fazer?”, no “para quem fazer?” e, mesmo, no “para que fazer?”, parece, não têm sido tão relevantes nos exercícios das disciplinas de projeto de Arquitetura e Urbanismo. Tais questões, mesmo que tratadas nas disciplinas de teoria (se tratadas), se tornam sofrimento para vários estudantes acostumados com a fragmentação que tanto lhes dificulta o entendimento dos fenômenos em suas implicações: “o todo é algo mais do que a soma de suas partes” (MORIN, 2013, p. 562).

Então, mesmo numa situação real como a que foi vivida naquele dia, como esperar que os estudantes agissem de forma diferente da mecanicista e fragmentária que lhes têm guiado no desenvolvimento de seus projetos na faculdade a partir de temas que são, muitas das vezes, representações e/ou fantasias, desenvolvidos num pretense isolamento que as salas de aula ou as suas próprias casas/escritórios lhes submetem? Como esperar que os estudantes pudessem procurar conhecer aquele espaço da cidade, mesmo que a partir da oportunidade de contato que foi construída, se não conseguem se movimentar, criar laços, se envolver com os meios e se deixarem ser envolvidos e transformados por eles, reconhecer as multiplicidades dos lugares, enfim, se têm mostrado dificuldades em experienciar na complexidade do mundo?

4.3. Viagens de Estudos Croquis Urbanos: registro da experiência de percepção das cidades através do caderno de viagem

A terceira e última experiência que será apresentada aconteceu em março de 2015. Trata-se de uma atividade multidisciplinar, desenvolvida pelos professores Ana Barbosa, Mônica Olender e Ricardo Lopes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, incluída na programação da Semana da Arquitetura e Urbanismo - SAU. Tal atividade, denominada "Viagem de Estudos - croquis urbanos: registro da experiência de percepção das cidades através do caderno de viagem"⁷, teve como propósito apresentar aos estudantes uma forma alternativa, e lúdica, de conhecer e interpretar a Arquitetura e Urbanismo nas suas mais diversas dimensões e significados, a partir de uma imersão nos locais visitados.

A intenção era que, através da exploração dos sentidos – na época, foi considerada a classificação tradicional de cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar – e vivenciando plenamente esses locais, os dezenove estudantes participantes, de diversos períodos do curso, pudessem ter uma compreensão mais ampla da profissão que escolheram sem as limitações - e por que não mencionar, também, as segregações – que as salas de aula acabam por promover entre o futuro Arquiteto e Urbanista e as cidades (seus habitantes humanos e não humanos e coisas). Esporadicamente, eram realizadas, pelos professores, explanações sobre história da arquitetura, do urbanismo, das artes e da preservação do

⁷ O termo "viagem de estudos" foi dado em homenagem às viagens realizadas, na década de 1920, por estudantes de Arquitetura da Escola Politécnica (São Paulo) e da Sociedade Brasileira de Belas Artes (Rio de Janeiro). O projeto "Croquis Urbanos" foi criado e é desenvolvido pelo prof. Ricardo Lopes, e trouxe para a Viagem da FAU?UFJF o desenho como um dos dispositivos que permitiram aos alunos exprimirem suas percepções e sensações.

patrimônio histórico-cultural, mas o mais marcante e fundamental foram as conversas, conduzidas por pessoas das próprias comunidades, com o grupo.

A última parada do ônibus, já na volta para Juiz de Fora, foi na cidade de Congonhas do Campo/ MG onde, sentados na escadaria que leva à igreja do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos, cada participante teve a oportunidade de expor suas impressões sobre o que tinha vivenciado até ali.

Tais relatos surpreenderam os professores, enfatizando afirmações de (re)encontro de si mesmos e de si na profissão, a partir da compreensão da Arquitetura e Urbanismo não pelos espaços em si, mas, principalmente, pelo entendimento de que esses espaços são compostos também por pessoas e que essas pessoas, sob perspectivas diversas umas das outras, têm desejos, têm necessidades, acolhem, ensinam e conformam o mundo, que são seus mundos.

O professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, Mario Mendonça de Oliveira disse, em 2003, em uma de suas conferências proferidas em Salvador-BA, que o Arquiteto precisa retomar o contato com canteiros de obra, "tirar suas calças brancas" (ou seja, "descer de seu pedestal"). Essa metáfora, quase uma súplica, foi tomada emprestada para expressar o sentimento despertado por essa viagem rapidamente apresentada: subtraídos de suas "calças brancas" e imbuídos da vontade de interpretar os espaços por onde passavam, os estudantes, e também os professores, foram aguçando seus sentidos e passaram a descrevê-los (os lugares) a partir dos mais profundos sentimentos que, pouco a pouco, foram aflorando e sendo traduzidos, por observação ou mesmo, de memória, em desenhos e textos.

Nas narrativas da maioria dos estudantes, ficou bastante nítida a ligação desenvolvida por eles com esses espaços em que estiveram imersos e com as pessoas que neles habitam, resultando nas ressignificações que exprimiram para as suas vidas, tanto em nível pessoal quanto profissional. Duas dessas narrativas estão transcritas abaixo e foram externalizadas oralmente no último dia da viagem, em 27 de março de 2015.

- Estudante α :

[...] mas mais importante que a igreja, que ruínas, que as falas foram as pessoas e tudo o que essa viagem trouxe de bagagem prá gente porque, eu [...] cheguei da Alemanha eu tava muito desacreditada, assim, [...] e essa viagem foi muito, reacendeu essa paixão pela arquitetura, independente do patrimônio que também não é muito a área que eu pretendo seguir, mas a

paixão pela arquitetura a gente vê em cada um de nós aqui e isso foi muito marcante prá mim.⁸

- Estudante β :

É, eu nunca tinha ido a lugar nenhum, né? Fiquei assim... Então, tudo foi muito maravilhoso, tudo foi muito lindo. E todos vocês e tudo o que todo mundo fez pela gente. Cada lugar que a gente foi teve uma pessoa que tava lá disposto a falar com a gente, a conversar, [...] a aprender e a ensinar coisas prá gente também e tudo o que todo mundo fez e cada coisinha que eu vi me marcou prá vida inteira porque foi a primeira vez que eu fiz muita coisa. Aí eu queria só falar uma frase aqui que eu fiz que é: "cada pedacinho de cada lugar que vi e passei fazem parte agora de cada pedacinho de mim", porque, mesmo não entendendo nada de, de coisa nenhuma [...], porque eu sou caloura e ainda venho de cidade pequena, [...] eu amei tudo. Não faço ideia do que eu quero fazer, do que eu vou fazer daqui a quatro anos, mas, eu sei que foi lindo, gente. Tudo. E eu quero agradecer porque cada um de vocês vai ficar na minha memória prá sempre porque vocês foram muito importantes e eu podia estar lá sozinha ou em qualquer lugar desses e não seria a mesma coisa. Como todo mundo já disse, as pessoas são a essência de cada lugar e vocês estavam em todos eles, [...] o Éder ou o, várias pessoas, né, várias pessoas que estavam lá, aquele que falou prá gente [...] lá na Serra do Caraça, mas vocês foram demais gente. E, é isso. Brigada. [...].⁹

Há alguns meses atrás, em 2018, já em processo de atravessamento pelas referências estudadas para a construção da tese de doutorado, nos surgiu a curiosidade sobre como essa experiência da Viagem de Estudos ainda permanecia, ou não, como afetação nos estudantes que dela participaram. O principal interesse foi conhecer as memórias, ou seja, aquilo que permaneceu entranhado depois de três anos e meio de realizada a atividade. Foi solicitado a alguns deles, então, que novamente elaborassem uma narrativa a respeito, sem nenhuma orientação ou direção que deveriam seguir, além daquela pretendida por eles próprios. A seguir, apresentamos duas delas:

- Estudante γ :

[...]

A primeira coisa que me surpreendeu e que me fez pensar “Meu Deus que bom que eu vim” (porque não sei se vai se lembrar, mas eu decidi na última hora e não tinham mais vagas, comprei de uma pessoa que desistiu) foi chegar a Ouro Branco e ver aquele projeto da igreja em ruínas, com todo aquele verde em volta, o lago... Acho que nunca tinha visto um projeto do gênero ao vivo e ali enfim pude entender (eu acho) a integração do novo e do

⁸ Estudante α : depoimento [27 de março de 2015]. Congonhas do Campo. Arquivo digital. Viagem de estudos croquis urbanos: registro da experiência de percepção das cidades através do caderno de viagem

⁹ Estudante β : depoimento [27 de março de 2015]. Congonhas do Campo. Arquivo digital. Viagem de estudos croquis urbanos: registro da experiência de percepção das cidades através do caderno de viagem.

antigo com harmonia e completude Não me lembro mais a ordem cronológica das visitas às cidades, só me vem a cabeça as pessoas que conhecemos pelo caminho. Ao longo das visitas tivemos vários “tipos” de guias, cada um com sua sabedoria, alguns por meio dos estudos e outros pela vivência.

O mais marcante foi o moço que não me lembro o nome, que nos recebeu na prefeitura e que nos explicou o que planejava. Era lindo de ver o amor que ele tinha pela cidade, que superava para mim “os erros” que ele estava cometendo em relação a conceitos de conservação patrimonial que vimos na sala de aula. Era muito genuíno tudo que ele dizia e enquanto contava a história da cidade e das famílias havia um brilho nos olhos e um sorriso no rosto que dava gosto de ver. Surgiu em mim nesse momento um questionamento sobre os limites da importância do conhecimento adquirido em sala de aula em detrimento da importância da vivência e das raízes da sabedoria popular, acho que a resposta ideal e que é talvez óbvia, é que haja um equilíbrio, uma negociação, mas por muitas vezes não é o que vemos (isso em todas as áreas). Mas para isso ressalto a importância deste tipo de experiência, do contato desde quando se é aluno, com a realidade que é muito mais complexa e envolve vidas reais.

Também tivemos guias e profissionais “mais especializados”, além de nossos professores que nos acompanhavam na viagem e que nos davam aulas e exercícios, tivemos contato com os profissionais que estavam cuidando, por exemplo, do restauro do altar de uma igreja, que foi outro momento que destaco como de fundamental importância para mim, ver o trabalho minucioso dos restauradores, entrar na igreja com os andaimes e sentir realmente a importância dos cuidados e da sabedoria técnica respeitando a e ajudando a manter a história viva.

Ao longo da viagem, seja dentro do ônibus, nas paradas em restaurantes, em praças, sempre tínhamos conversas com os professores.

Digo conversas porque eram mais que aulas, era mais “de igual pra igual” o clima informal da viagem e o clima harmônico inibia o medo de errar e a coragem de questionar.

Em uma das paradas tivemos outra experiência muito marcante para mim, em uma igreja fizemos uma “oficina dos sentidos” onde de olhos vendados priorizamos as outras formas de sentir o espaço, através do toque, dos cheiros, dos sons e até dos gostos.

Essa atividade foi tão marcante que motivou a mim e a outros participantes a nos especializarmos mais e propor uma atividade do mesmo gênero em Juiz de Fora, Minas Gerais. A atividade foi realizada com crianças e idosos se transformou em um artigo que mais tarde foi apresentada no “Mestres e Conselheiros” em Belo Horizonte.

Acho que nunca fiquei tão hipnotizada por uma paisagem como por esta de Catas Altas.

Era muito linda e trazia em si muitos sentimentos e assistir o trem passando pela montanha era o momento de êxtase para os Mineiros ali presentes.

Realizamos uma atividade de croqui + descrição do que se passava ao redor, que tentei transmitir em poesia. E chorei...

Encontrei esse poema um tempo depois e acho que ele explica meu sentimento enquanto admirava aquele “quadro vivo”:

Todo mineiro tem um trem de ferro apitando nas veias, uma montanha brilhando nos olhos e uma banda tocando nos ouvidos.

Jorge Fernando dos Santos.

Chegar ao Caraça foi mais uma vez apaixonar-se, a energia ali era diferente, única.

A história do padre e do lobo, a beleza da convivência do ser humano com a natureza. A história, as ruínas, a igreja, a atmosfera... mais uma vez chorei sem entender o porquê.

Concluindo, a viagem “Croquis Urbanos” foi um divisor de águas em minha vida.

Mudou-me pessoalmente e profissionalmente.

Pude conhecer belezas que não conhecia em meu estado o que intensificou meus sentimentos e meu orgulho em ser “Mineira”, me apaixonei por outros “Mineiros”, pela simplicidade das pessoas, pela gentileza, pela disponibilidade em contar suas histórias e passar para nós um pouco de suas sabedorias e experiências.

Profissionalmente foi fundamental ver a aplicação das teorias vistas em sala de aula, ou não, por que a realidade é muito mais complexa e envolve vidas e sentimentos reais em confronto com interesse e poder.

Acredito que sair da caixa, do modelo tradicional e por vezes alienante de ensino e fazer do mundo uma sala de aula, é sem dúvidas a melhor maneira que o professor pode dispor para passar conhecimento de maneira inclusiva, real e inesquecível.¹⁰

- Estudante δ :

Em 2015, quando já estava no fim da graduação, tive a oportunidade de participar da viagem de estudos "croquis urbanos" [...].

Foi uma experiência transformadora, que deixou marcas no meu modo de perceber o mundo e na forma de exercer a profissão de arquiteta. Consolidou em mim a compreensão de que arquitetura se faz a partir da experimentação do ambiente, sentindo seus cheiros, sons, texturas, cores e formas, e não dentro de uma sala fechada, olhando para a tela de um computador. Nós projetamos para um lugar no mundo, e a experiência do lugar é essencial num processo de concepção que se pretenda coerente e respeitoso para com o contexto que receberá nosso gesto de criação.

Infelizmente, esse contato ainda não é incentivado da maneira ou com a intensidade que deveria, na graduação, de modo que só no final do curso tive a oportunidade de imersão proporcionada pela viagem, que estimulou nossos sentidos através de atividades de percepção e vivência plenas. Fomos incentivados a utilizar a excepcional ferramenta do croqui para registrar o processo, o que nos fez, de fato, olhar para o mundo e participar dele ativamente, carregando, ao fim, no caderno de viagens, um pouco de tudo que experimentamos.

A cada vez que abro o caderno, a memória se ilumina e me transporta novamente para cada lugar e sensação registradas, confirmando, sempre, que

¹⁰ Estudante γ : narrativa [02 de janeiro de 2018]. Juiz de Fora. Arquivo digital. Viagem de estudos croquis urbanos: registro da experiência de percepção das cidades através do caderno de viagem.

os sentidos são instrumentos formidáveis de trabalho e devem ser utilizados em conjunto com a consciência, no ser arquiteto e no projetar o mundo.¹¹

Como já se suspeitava essa experiência da Viagem de Estudos ainda exerce influência nos pensamentos e nos corpos desses estudantes (muitos deles já graduados ou, até, mestres) o que, logicamente, se reflete em seus trabalhos. Aquilo que viveram e perceberam não foi entendido como meras informações descartáveis que poderiam ser substituídas posteriormente, mas como conhecimentos que, claramente e como não poderia deixar de ser, passaram a fazer parte de sua vida e de sua postura como Arquitetos e Urbanistas, tendo em vista que muitos deles já estão formados. Suas narrativas nos apontam esse caminho. Seus movimentos atuais nos apontam esse caminho.

5. Considerações Finais

Como dito anteriormente, as reflexões aqui apresentadas são relativas ao desenvolvimento do que seria a primeira parte de uma tese de doutorado ainda em curso, tese impulsionada por experiências vividas no âmbito de uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo do interior de Minas Gerais e que para esta e outras escolas e faculdades brasileiras pretende retornar como lastro para discussões sobre formas outras de se pensar o ensino da Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

Ao se ressaltar e instigar a realização das experiências didático-pedagógicas para além das salas de aula, construídas e desenvolvidas em conjunto por professores e estudantes, o que esperamos é que se torne mais natural para estes encontrarem e projetarem sentidos (sentido pautado no que poderíamos chamar de “real”, as realidades do cotidiano) naquilo que estão pensando e fazendo, o que possivelmente diminuiria angústias e sofrimentos: para Maturana (apud PELLANDA, 2009, p. 50), a ausência de sentido implica sofrimento porque os sujeitos não conseguem se ver como partícipes ativos dos processos nos quais estão envolvidos.

No caso do campo da Arquitetura e Urbanismo, esse sofrimento acaba também por se estender para os habitantes dos meios – humanos e não humanos – quando os projetos e as intervenções propriamente ditas priorizam modelos pré-definidos, não levando em consideração as dinâmicas dos lugares com suas especificidades e imprevisibilidades.

Aprender se movimentando, aprender pensando as/nas realidades considerando a multiplicidade, aprender criando levando-se em conta as imprevisibilidades do mundo,

¹¹ Estudante δ : narrativa [05 de setembro de 2018]. Juiz de Fora. Arquivo digital. Viagem de estudos croquis urbanos: registro da experiência de percepção das cidades através do caderno de viagem.

aprender fazendo, aprender compartilhando. Não há verdades nessas experiências nem nessas palavras, mas sim possibilidades.

Diminuindo influências de dicotomias como aquelas hegemônicas que separam sujeitos e objetos, saber e fazer, natureza e cultura, fora e dentro; pensar construções outras que não necessariamente aquelas hierárquicas e voltadas para a supremacia do ser humano; abrir espaço, mesmo que ainda no âmbito da macropolítica, para criações/ projetos lúdicos, afetuosos e sensíveis; estabelecer relações com tudo e com todos engrossando as malhas tecidas pelos fios de existências; compartilhar mais que transmitir/receber. Em suma, ser complexo num mundo complexo.

Essas são apenas algumas características que se pode pensar para um comportamento “incorporado” para Arquitetos e Urbanistas, formados para lidar com o mundo de hoje. Experiências realizadas no espaço-tempo do cotidiano das pessoas, dos seres não humanos e das coisas no mundo são elementos fundamentais para fortalecer e relegar sentido àqueles que podem abrir possibilidades de sentido a essas existências através dos projetos e obras que propõem.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. 3ª. parte: o livro sobre nada. In: **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

BARROS, Manoel de. **Uma didática da invenção. III**. s.d. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/os-dez-melhores-poemas-de-manoel-de-barros-2-20653/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BRASIL. **Resolução nº. 2 de 17 de junho de 2010**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192>. Acesso em: 16 de junho de 2018.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

COSTA, Claudia de Lima; FUNCK, Susana Bornéo. O Antropoceno, o pós-humano e o novo materialismo: intervenções feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2., p. 903-908, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p903>>.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos entre-lugares**: sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo: Editora Senac, 2012.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. ano 18, n.º. 37. Porto Alegre, 2012, p. 25-44, Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 02 de dezembro de 2017.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KASTRUP, Virgínia. Autoipoiese e subjetividade: sobre o uso da noção de autoipoiese por G. Deleuze e F. Guattari. In: **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**. v. 7, n.º. 1. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1995. Disponível em: < <http://imanenteando.blogspot.com/2016/11/autoipoiese-e-subjetividade-maturana-deleuze-guattari-kastrup.html>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

MARQUES, Monique Sanches. **Subjetividades e singularidades urbanas**: na construção de um “devir” outro arquiteto e urbanista. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2010.

MATURANA R., Humberto, VARELA, G. Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editorial Psi II, 1995.

MATURANA R., Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 3. ed., 2007.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. In: **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 559-567.

PELLANDA, Nilze Maria Campos. **Maturana e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SOBRE AS AUTORAS:

Mônica Cristina Henriques Leite Olender

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora – Brasil. Membro dos grupos de pesquisa Laboratório de Patrimônios Culturais – LAPA/UFJF e Cidades Políticas – CIPÓS/UFBA; Bolsista do Programa de Apoio à Qualificação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: monica.olender@arquitetura.ufjf.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5852-390X>

Cristina D'Ávila

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Associada da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia. Membro do grupo de pesquisa GREAS-CEAQ (Sorbonne, Paris-Descartes); E-mail: cristdavila@gmail.com.

 <http://orcid.org/0000-0001-5946-9178>

Recebido em: 18 de maio de 2019
Aprovado em: 22 de junho de 2019
Publicado em: 01 de outubro de 2019